

O DESPERTAR DO DESEJO DE APRENDER: UM ESTUDO ACERCA DAS IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Verônica Yasmim Santiago de Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
veronicayasmimsantiago@hotmail.com

RESUMO: No tear da presente discussão, objetivamos analisar as implicações da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem na infância. Especificamente pretende-se investigar a constituição da afetividade na infância; discutir as bases cognitivas e afetivas da aprendizagem e identificar através das categorias de análises os fatores que contribuem para uma aprendizagem afetiva. Partindo como principal problemática “quais as contribuições da afetividade no processo de aprendizagem na infância?” Para responder tal questão utilizou-se inicialmente uma pesquisa teórica, exploratória e bibliográfica na tentativa de explicitar o desenvolvimento da criança, com o aporte teórico em: BARBOSA (2003); FERNANDEZ (1996); PAIN (1992); PIAGET (1982); VYGOTSKY (1987); WALLON (1998), entre outros. Em seguida realizou-se a pesquisa ação como abordagem qualitativa e metodologia de pesquisa nas ciências do ser humano e da sociedade aqui voltada aos estudos da Educação. Tal pesquisa de caráter empírico possibilitou a intervenção, problematização e reflexão das vivências no período de estágio clínico supervisionado realizado no curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia. Os resultados obtidos com esse estudo possibilitaram a feitura do relatório através da utilização dos relatos de experiência das ações vivenciadas durante o período de Estágio. Possibilitou, portanto, a reflexão sobre a estrutura globalizante da criança que envolve as bases afetivas e cognitivas, assim como corporais e sociais como princípios de aprendizagem infantil. Portanto, foi possível concluir que não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de estímulos estabelecidos pelos agentes da aprendizagem, não havendo, desse modo, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo.

Palavras-chave: Afetividade, Aprendizagem, Infância, Psicopedagogia.

1. INTRODUÇÃO

A afetividade está presente em todas as relações sociais, nos primeiros anos de vida a criança necessita da afetividade para organizar suas estruturas mentais cognitivas. A falta de afetividade acarreta danos na aprendizagem das crianças, os educadores devem estar atentos para o comportamento da criança. O afeto deve ser construído primeiramente através da família, posteriormente a escola que dará continuidade possibilitando o olhar outro.

Essa aprendizagem alicerçada na afetividade se contrapõe ao ensino exclusivamente verbalista, alçado pela mera transmissão de informações em que a

aprendizagem só se dá de forma passiva e mecânica através da memorização e acumulação de conhecimentos, que reproduzem a cultura clássica, onde as disciplinas do currículo são justapostas e isoladas entre si, sem a integração entre o domínio X conhecimento. Mas, na valorização da leitura de mundo, do saber espontâneo, da aprendizagem significativa e do desenvolvimento emocional das crianças.

O processo de aprendizagem dar-se por meio da relação que o sujeito estabelece com o meio em que este está inserido, este deve ser instigante e propício ao desenvolvimento desse processo. Logo, a aprendizagem, deve estar alicerçada em práticas com intuito de motivar e favorecer a interação de quem “ensina” para com quem está aprendendo deve ser constante nesse percurso cognitivo para que haja uma aprendizagem significativa e satisfatória e o ciclo de desenvolvimento seja completado.

Sara Paín (apud FERNANDEZ, 1996, p. 65), define a aprendizagem como o processo que permite a transmissão do conhecimento de um outro que sabe (um outro do conhecimento) a um sujeito que vai chegar a ser sujeito, exatamente através da aprendizagem.

Diante desse cenário situamos a pesquisa, portanto, através das hipóteses inicialmente traçadas acerca da presente temática, partimos para a construção deste estudo de acordo com a seguinte problemática “quais as contribuições da afetividade no processo de aprendizagem na infância?”

Para tanto, temos por objetivo geral analisar as implicações da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem na infância. Especificamente pretende-se investigar a constituição da afetividade na infância; discutir as bases cognitivas e afetivas da aprendizagem e identificar através das categorias de análises os fatores que contribuem para uma aprendizagem afetiva.

1. Metodologia

No intuito de alcançar os objetivos acima delineados, utilizamos inicialmente uma pesquisa teórica, exploratória e bibliográfica na tentativa de explicitar a afetividade no processo de aprendizagem na infância, com o aporte teórico em: Barbosa (2003); Fernandez (1996); Pain (1992); Piaget (1982); Vygotsky (1987); Wallon (1998), entre outros.

Através da realização da primeira etapa da pesquisa encontramos o embasamento teórico para a referida discussão. Jean Piaget, psicólogo suíço, com seus estudos sobre como o indivíduo constrói o conhecimento, e Emília Ferreiro, indicando o processo de

como a criança constrói a linguagem. Vygotsky, psicólogo russo, entra como nosso grande referencial, centra suas discussões no processo de aprendizagem. Para Vygotsky (1987), a aprendizagem acontece nas interações com o meio social e, dessa forma, ocorre o desenvolvimento global do indivíduo.

No segundo momento realizamos a pesquisa ação como abordagem qualitativa em que está se apresenta como metodologia de pesquisa nas ciências do ser humano e da sociedade aqui voltada aos estudos da Educação. Levando-se em consideração a sua importância e definição no que concerne às dimensões de aprendizagem a partir da sua prática, podemos caracterizar o nosso processo investigativo como uma pesquisa-ação que

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1995, p. 24).

A pesquisa-ação caracteriza-se fundamentalmente por uma ação do pesquisador com a situação pesquisada, permitindo reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar. A pesquisa-ação define-se numa relação dialética entre agentes da pesquisa e pesquisador, visando perceber a relevância do objeto de pesquisa no contexto em que se apresenta inicialmente, a sua abrangente contribuição no momento da aplicação e intervenção, e a sua repercussão no campo pesquisado.

Tal pesquisa de caráter empírico possibilitou a intervenção, problematização e reflexão das vivências no período de estágio clínico supervisionado realizado no curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia. Tal experiência foi realizada em uma escola pública da rede básica de ensino do município de Mossoró, com um estudante do 5º ano do Ensino Fundamental, anos iniciais.

2. Resultados e Discussões

Até o século XVII, filósofos e educadores consideravam a criança um ser igual ao adulto em miniatura, homúnculo, de quem se esperavam comportamentos, interesses e capacidade semelhantes aos do adulto. O sistema educacional também refletia esse modo de considerar o educando. O sistema educacional tradicional não atendia às características da criança. Era organizado levando em conta apenas o adulto.

A partir do século XIX, a sociedade começa a se preocupar e a observar a criança, a família outrora passa a se ter um cuidado diferenciado, com a educação, alimentação e vestimenta, começa a se considerar suas potencialidades (sociais, afetivas, cognitivas e psicomotoras). O afeto adquirido pela criança na primeira infância por meio da família irá servir de base para suas relações posteriores.

A preocupação da humanidade com a natureza da criança e com a marcha de seu desenvolvimento. Filósofos, médicos, linguísticos e outros pensadores do passado tiveram sua atenção atraída pela natureza da criança. O filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), considerado o “descobridor da criança”, foi o verdadeiro iniciador dos estudos acerca do desenvolvimento da criança. Através da publicação da obra *Emílio*, romance pedagógico, Rousseau (1762) cogita, pela primeira vez, da necessidade de “estudar a criança antes de querer educa-la”.

Com a modernidade ocorreu avanços na medicina, na tecnologia, a na estrutura familiar e social. Há um maior cuidado com a criança. Percebe-se que a infância trata-se de uma etapa que necessita de atenção, amor e afeto para que haja um desenvolvimento saudável. Preocupa-nos a falta de cidadania e dos direitos, para com a criança, pois quando os mesmos não cumprem com o seu papel, há uma falha em seu desenvolvimento emocional.

A psicologia do desenvolvimento foi assim estruturada nesse período com o intuito de investigar, tão completa e exatamente quanto possível, as funções psicológicas das crianças. Aspectos específicos do desenvolvimento tais como o emocional, o cognitivo ou o social estão inter-relacionados e se refletem ao longo dos estágios.

Tal perspectiva modificou os métodos pedagógicos na infância, compreendendo a criança como um ser em desenvolvimento e em muitos aspectos diferente do adulto. Santos (1954, p. 51) revela que com

Os progressos da Biologia e da Psicologia experimentais trouxeram um fundamento científico à concepção atual da criança. A criança é considerada hoje, não como simples redução do adulto, mas como um ser que apresenta, em cada fase de sua evolução, caracteres próprios e reações específicas que lhe dão uma fisionomia psicológica particular.

Nesse período a psicologia se ocupa em compreender as dimensões que constituem a criança, tal perspectiva influência a visão tomada nos processos educativos que buscam perceber os aspectos mobilizados no processo de aprendizagem que estão

imbricados na infância e no desenvolvimento cognitivo e afetivo que compõem as estruturas mentais dessa fase e que permeiam ao longo da vida. De acordo com essa concepção Piaget (1971, p. 271) afirma que

A vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Para que o indivíduo mantenha relações saudáveis é necessário estar mentalmente saudável, é por meio da afetividade que lidamos com as nossas emoções, cabe à família ensinar a criança desde cedo a lidar com seus sentimentos de forma saudável. Educar as emoções é tão importante quanto ir para a escola, além da família, a escola também é responsável pela formação integral do aluno.

O desenvolvimento cognitivo acontece do nascimento da criança acompanhando-o até o fim da vida, segundo Vygotsky (1991) “a qualidade do pensamento ou das emoções, vai sendo elaborado à medida que o homem tem controle sobre si mesmo, sendo capaz de controlar os impulsos e as emoções”, o mesmo criou a ZDP (zona de desenvolvimento proximal), que irá determinar a capacidade que o indivíduo tem de resolver problemas sem ajuda ou com a orientação do outro.

Segundo Piaget (1982) o desenvolvimento cognitivo acontece por fases, sendo elas; sensório motor ou prático (0-2 anos), pré-operatório ou intuitivo (2-6 anos), operatório- concreto (7-11 anos) e o operacional-formal ou abstrato (11 anos), ainda segundo Piaget, o conhecimento está na interação com o objeto, o meio em que o indivíduo está inserido influencia o desenvolvimento cognitivo, para que a interação ocorra é necessário estabelecer assim essa interação.

Tal interação está articulada ao desenvolvimento da inteligência, Wallon (2007) apresenta o estudo da genética como organicamente social, ou seja, o desenvolvimento do indivíduo terá influência do meio em que ele está inserido. O mesmo contribui na compreensão acerca do desenvolvimento humano quando elabora uma distinção entre as fases desse processo de desenvolvimento, que ele determina como sendo a “impulsivo-emocional, sensório-motor, personalismo e categorial”, vale salientar que cada ser em sua individualidade desenvolve-se em um ritmo.

Ao longo dessas fases, ocorre à modificação dos territórios ocupados por esse sujeito, em relação à inserção no âmbito escolar, em especial na infância, é notório o desenvolvimento e modificações dos estados emocionais que atravessam esse sujeito, que ao se deparar com a aquisição de novos conhecimentos a afetividade se apresenta como um modo de mediar essas experiências, possibilitando que a criança desenvolva suas faculdades superiores de forma saudável, sobre isso Hillal (1985, p. 18):

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

Nesse sentido, lançar mão da afetividade na mediação com as novas experiências possibilita uma compreensão positiva acerca do que está sendo vivenciado pelo sujeito. Atualmente, de acordo com as teorias construtivistas, o comportamento é reflexo dos nossos pensamentos, que tem uma íntima relação com o afeto. Costuma-se dividir o afeto da aprendizagem cognitiva. Para haver aprendizagem é necessário estar bem emocionalmente. Para que haja aprendizagem é indispensável o interesse do educando, levando em conta suas individualidades e as condições externas que também irão influenciar.

O professor aparece como facilitador e mediador, transmitindo e proporcionando ao educando condições necessárias para que ocorra a aprendizagem. Para Guillot (2008, p. 12), “o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação”. O educando será influenciado pela afetividade nas relações entre professor e alunos, a falta de afetividade não determinada à aquisição de conhecimento, mas influencia o processo de aprendizagem. Segundo Leite e Tassoni (2002, p.136):

As relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

Desse modo, através do processo de ensino-aprendizagem é possível considerar a importância do afeto como mediador da relação estabelecida entre professor(a), aluno(a) e o conhecimento. Na busca da interação com os alunos, tendo em vista suas necessidades devemos buscar entendê-la para satisfazer suas necessidades tanto biológicas quanto fisiológicas e afetivas.

A construção de vínculos na aprendizagem através da relação entre a criança e os educadores que cuidam, interagem e brincam com ele se estabelece uma forte relação afetiva (a qual envolve sentimentos complexos e contraditórios como amor, carinho, encantamento, frustração, raiva, culpa etc.). Os educadores não apenas cuidam da criança, mas também mediam seu contato com o mundo, atuando com ela, organizando e interpretando para ela a cultura.

As pessoas com quem estabeleceram vínculos afetivos estáveis são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica. Nas relações professor/aluno há trocas de afetos, a afetividade não está restrita ao carinho físico, mas o respeito para com o aluno também é uma forma de afeto.

O papel inicial da psicopedagogia é focado no estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento dos seus obstáculos. O psicopedagogo irá fazer uma análise da situação do aluno para poder diagnosticar os problemas e suas causas. Ele levanta hipóteses através da análise de sintomas que o indivíduo apresenta, ouvindo a sua queixa, a queixa da família e da escola. Para isso, torna-se necessário conhecer o sujeito em seus aspectos neurofisiológicos, afetivos, cognitivos e social, bem como entender a modalidade de aprendizagem do sujeito e o vínculo que o indivíduo estabelece com o objeto de aprendizagem, consigo mesmo e com o outro.

O psicopedagogo, a partir do confronto com a resolução do problema de aprendizagem, objetivo alheio tanto ao psicanalista como ao epistemólogo, encontra o terreno ideal para observar a inteligência submetida ao desejo, não podendo desconhecer nem a um nem ao outro, facilitando-se-lhe a compreensão do tipo de relações que se estabelecem entre uma estrutura de caráter claramente genético que vai se autoconstruindo, e uma arquitetura desejante, que ainda que não seja genética, vai entrelaçando um ser humano que tem uma história (FERNANDEZ, 1996, p.67).

No que afirma uma inter-relação entre as teorias sobre a inteligência e o desejo implicados nos fundamentos da Psicopedagogia. Considerando assim a inteligência e o desejo, assim como os aspectos que tem a ver com a corporeidade, que segundo a autora refere-se a intercâmbios afetivos, cognitivos com o meio, não só a intercâmbios orgânicos que estão atrelados aos vínculos de aprendizagem.

O desenvolvimento afetivo exerce uma profunda influencia no desenvolvimento intelectual, motivando a execução de atividades intelectuais habilitando-se como a mola propulsora das ações através do interesse (aspecto afetivo) faz com que selecionamos nossas atividades. Todo comportamento humano apresenta ambos os aspectos: cognitivos e afetivo.

É nesse contexto que é preciso destacar a aprendizagem como referencial dos processos educativos que estão sendo realizados na escola. Partindo dessa compreensão destacamos o lugar da afetividade na aprendizagem. De acordo com Alicia Fernandez (1990)

Em todo processo de aprendizagem estão implicados os quatro níveis (organismo, corpo, inteligência, desejo), e não se se poderia falar de aprendizagem excluindo algum deles, também no problema de aprendizagem, necessariamente estarão em jogo os quatro níveis em diferentes graus de compromisso (FERNANDEZ, 1990, p. 57).

É nesses diferentes níveis que o processo de aprendizagem acontece estabelecendo uma interdependência entre si e correlacionando com os aspectos afetivos e cognitivos que efetivam a aprendizagem. Ao se deter ao nível do desejo objetivamos tratar daquilo que é humano e necessário para alcançar e ampliar nossos conhecimentos e estes significar a partir de uma aprendizagem afetiva.

Tal concepção pode ser contemplada através de um processo pautado na aprendizagem afetiva, que deve está inculcado no nível simbólico que compreende a inteligência e o desejo. Fernandez (1996, p. 74) o define como sendo:

O nível simbólico é o que organiza a vida afetiva e a vida das significações. A linguagem, o gesto e os afetos agem como significados ou como significantes, com os quais o sujeito pode dizer como sente seu mundo. Parte dos aspectos que nós incluímos no que denominamos nível simbólico, ás vezes é chamado emoções, afetividade e inclusive de inconsciente!

Nesse sentido, sabendo que o processo de aprendizagem se dá por meio da relação que o sujeito estabelece com o meio em que este está inserido, este deve ser instigante e propício ao desenvolvimento desse processo. Logo, no processo de alfabetização, práticas com intuito de motivar e favorecer a interação de quem “ensina” para com quem está aprendendo deve ser constante nesse percurso cognitivo para que haja uma aprendizagem significativa e satisfatória e o ciclo de desenvolvimento seja completado.

Com isso, no aprender significativamente são reelaborados os sentidos, tornando-se mais abrangentes e refinados os conhecimentos construídos no processo de ensino-aprendizagem. Assim possibilitando a reinvenção dos moldes impostos pela sociedade que estabelece uma educação meramente reprodutiva desconsiderando os aspectos afetivos e cognitivos no processo de ensino-aprendizagem.

3. Conclusões

A escola apresenta diversos modelos de educar entre estes há muitos aspectos a se considerar, a aprendizagem aqui deve ser contemplada através do desejo de ser realizada. O prazer deve se fazer presente na relação de ensinar e aprender, libertando o querer saber da inteligência. Aos poucos, nossos laços são atados, vamos construindo pontes para a comunicação e para a afetividade, em uma relação onde há o diálogo, buscando estratégias de afetar, de potencializar e de se posicionar perante a convivência dos sujeitos diversos.

Através das práticas vivenciadas ao longo das etapas de diagnóstico e de intervenção podemos concluir que não cabe ao psicopedagogo julgamentos precoces e equivocados e tão menos divisões de atitudes baseadas nos conceitos de certo/errado, mas sim, um olhar dirigido a um sujeito, que é único, peculiar e tem sua própria história, portanto, suas atitudes ou falta delas são reflexo dessa constituição, mesmo inserido em um cenário social.

Tal processo tem muitas vezes como consequência negativa o fracasso escolar que ocorre muitas vezes pela falta de motivação por parte dos educandos, o educador deve escolher materiais que motive aos alunos, porém o professor deve conhecer os limites de seus educandos, e principalmente, respeitar suas limitações. A escola deve estar preparada para os desafios de uma educação humanitária, deve-se haver uma junção dos conteúdos escolares, contextualizando as novas vivências.

Desse modo, ao longo desse processo podemos traçar estratégias como a utilização das atividades lúdicas que permitem potencializar a aprendizagem por seu

caráter motivacional no estímulo do prazer por meio do ambiente espontâneo propício para uma aprendizagem significativa em que permite estabelecer as relações cognitivas, simbólicas e produções culturais.

Portanto, a afetividade no processo de aprendizagem se revela como uma abordagem que conduz o aprendente a um percurso significativo que mobiliza suas estruturas cognitivas e afetivas, desenvolvendo-se de modo integral. A psicopedagogia, nesse sentido, propicia estratégias de aprendizagem para o alcance da autonomia do aprendente nesse processo, através de intervenções que priorizem o desejo e o desenvolvimento dos modos de aprender.

Tal intervenção, portanto, apresenta-se como um modo de despertar o desejo por meio do comprometimento do aprendente na intervenção Psicopedagógica, revela a contribuição do fazer psicopedagógico na superação das dificuldades existentes no processo de aprendizagem.

O desenvolvimento afetivo exerce uma profunda influência no desenvolvimento intelectual, motivando a execução de atividades intelectuais habilitando-se como a mola propulsora das ações através do interesse (aspecto afetivo) faz com que selecionamos nossas atividades. Todo comportamento humano apresenta ambos os aspectos: cognitivos e afetivo.

A escola apresenta diversos modelos de educar entre estes há muitos aspectos a se considerar, a aprendizagem aqui deve ser contemplada através do desejo de ser realizada. O prazer deve se fazer presente na relação de ensinar e aprender, libertando o querer saber da inteligência. Aos poucos, nossos laços são atados, vamos construindo pontes para a comunicação e para a afetividade, em uma relação onde há o diálogo, buscando estratégias de afetar, de potencializar e de se posicionar perante a convivência com os sujeitos diversos.

5. Referências

BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sônia; SILVA, Juliana Pereira. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças.** In: Perspectiva. Revista do Centro de Ciências da Educação. V. 23, Janeiro/Junho, Florianópolis, 2005.

BARBOSA, L. M. Serrat. **A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar.** Curitiba : Expoente, 2001

_____. **O projeto de trabalho:** Uma forma de atuação psicopedagógica. Curitiba, 2003

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto Alegre,RS: Artes Médicas Sul, 1994.

BRASIL, República Federativa do (2004). **Lei 9394/96** – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Senado Federal.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre a psicopedagogia clínica e institucional:** um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2004.

FERNADEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada:** abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre – RS: Artes médicas; 1990.

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno:** formação do homem consciente. São Paulo: Paulinas, 1985.

LEITE, S. A . da S. ; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula:** as condições de ensino e a mediação do professor. In.: AZZI, R. G. ; SADALLA, A . M. F. de A.(orgs). Psicologia e Formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____ **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar,1982.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádía A. (Orgs.). **A avaliação Psicopedagógica de zero a seis anos.** Petrópolis: Vozes, 1998.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4.ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1992.

SCHMITT, Rosinete V. O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações. In ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sônia (orgs). Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011. (Série Prática Pedagógica)

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. **O desenvolvimento afetivo segundo Piaget.** São Paulo: Summus, 2003. (Coleção na escola: alternativas teóricas e práticas)

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação.** 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Tradução de Jéferson Luiz Camargo. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa, Edições 70, 1998.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica:** uma visão diagnóstica do problema de aprendizagem escolar. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1999.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4.ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1992.

PIAGET, Jean. **Inteligencia e afetividade**. Buenos Aires: Aique, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 108p.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica do problema de aprendizagem escolar**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1999.